

115-7-44



Hotelier

Fernando Pessoa



A. Xavier Pinto & Co

Rua de S. Julião



Lisbonne

(Portugal)

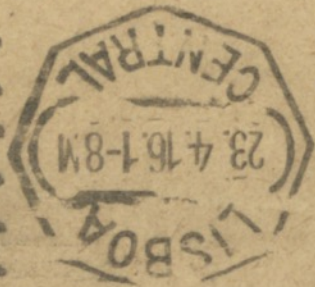


en vue de

Mario de S. Carneiro

29 Rue Victor Masse

Paris 9<sup>ème</sup>



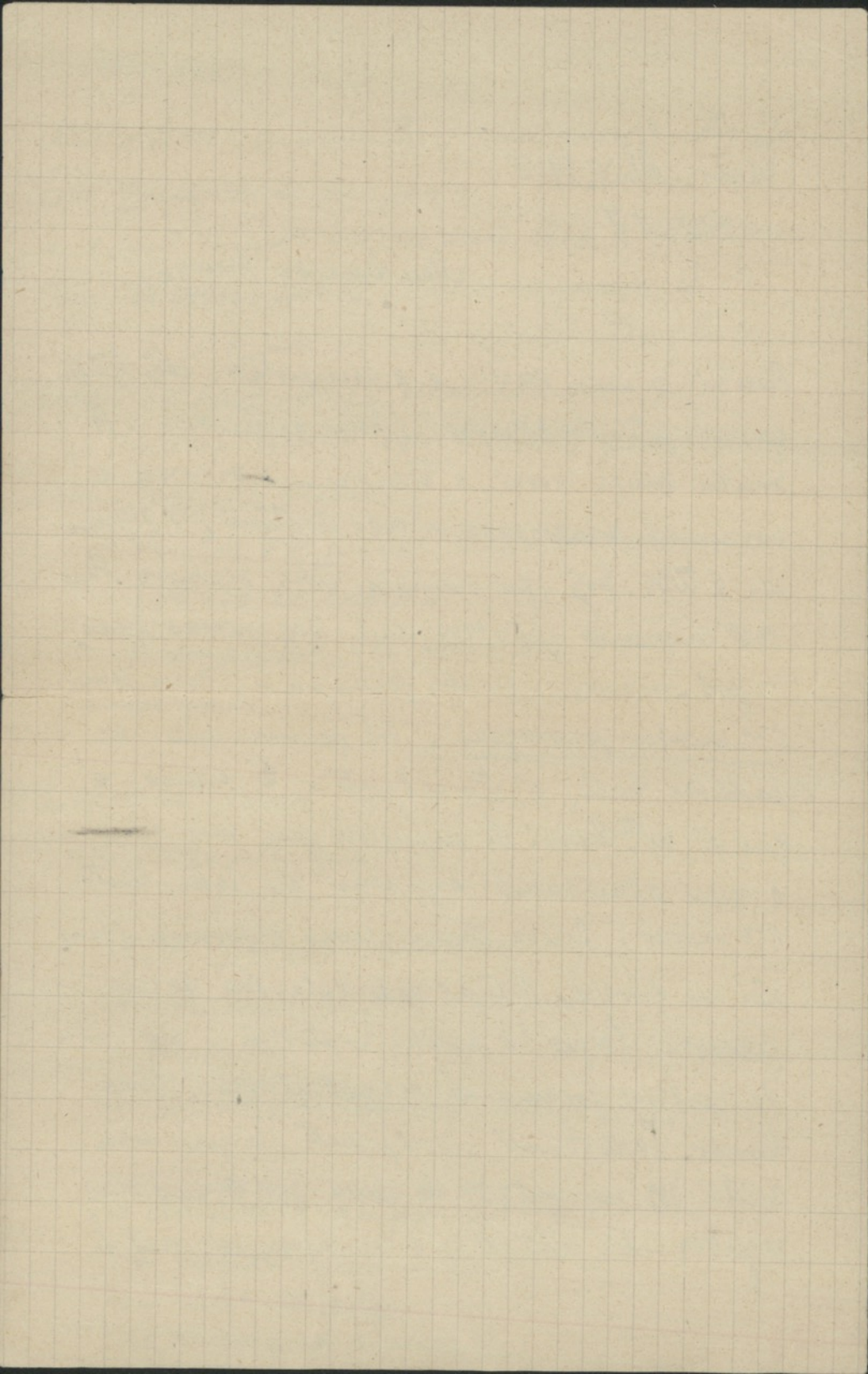
CONTROLE POSTAL MILITAIRE

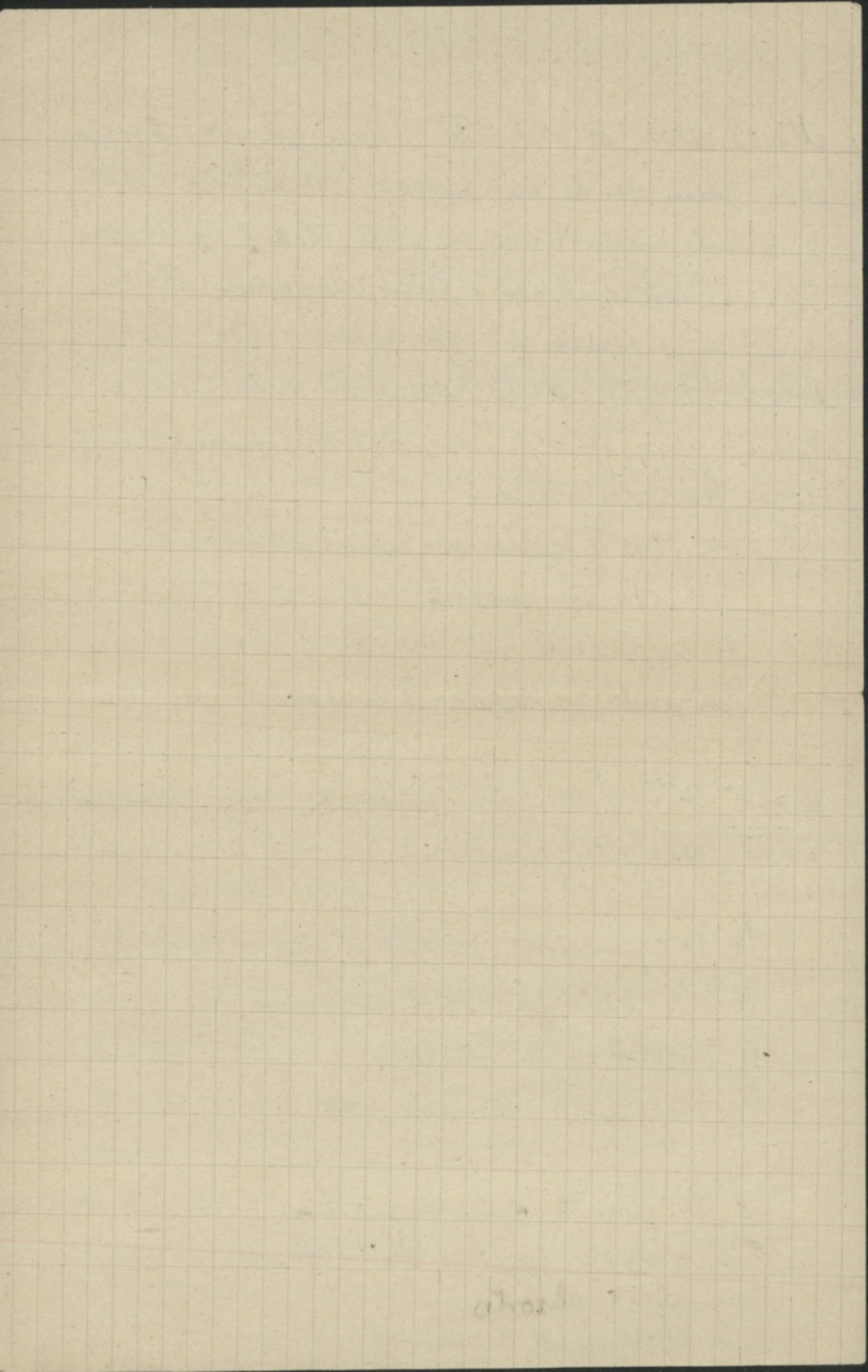
Paris. Abril 1915

dia 17

Meu querido Augusto,

Recebi a sua carta e o seu postas. Não tenho  
 veros p.<sup>o</sup> lhe escrever, hui entencidos. A  
 minha brenga moral é terrivel - ~~a~~ diversa e  
 invicentemente complicada a cada instante, e diuersos  
 não é tudo. Hoje, por exemplo, tenho dinheiro. Mas  
 você compreende que vivo uma das minhas perso-  
 nagens - eu proprio, minha personagem - com umas  
das minhas personagens. De forma que se  
 pode ter helo, e' trucidante. E o pior é  
 que é m<sup>to</sup> helo: de maneira que nem ~~atue~~  
 o meu admiravel egoismo me pode desta-  
 ver salvar. Ainda tenho uma esperança - mas  
 não me parece. Não sei onde isto ha de in-  
 parar. Porque a minha situação - encrada  
 de qualquer forma - é insustentavel. Um  
 horror. Perturbante, arripicante o que me  
 conta do seu estado de acua nos meus dias  
 agudos. Mas natural. Se eu penso em você?





10/20/10

Mas a todos os momentos, meu querido Nuno  
 Com quem hei de eu pensar senão em você?  
 É neste momento que eu sinto toda a afecção que  
 Lija as nossas almas. Como eu queria tê-lo  
 aqui ao pé de mim p.º lhe explicar tudo, tudo.  
 Sabes? Por afecção dei-me impetuosa uma poesia  
 que iniciara acuada em Lisboa, quem tuopula  
 ref. Lungeam assim:

M, que te esqueceres sempre das horas  
 Polindo as unhas -

A impaciência das involúteras horas  
 Impunção ao espelho te empanhar...

Essa m.º Venus; mas a poesia ficou incompleta.  
 Critica nela esta quadras:

A da pulseira dourada  
 A dos anéis de fada e enganos -  
 A viriluta, a perigosa  
 A desvirgada aos sete anos...

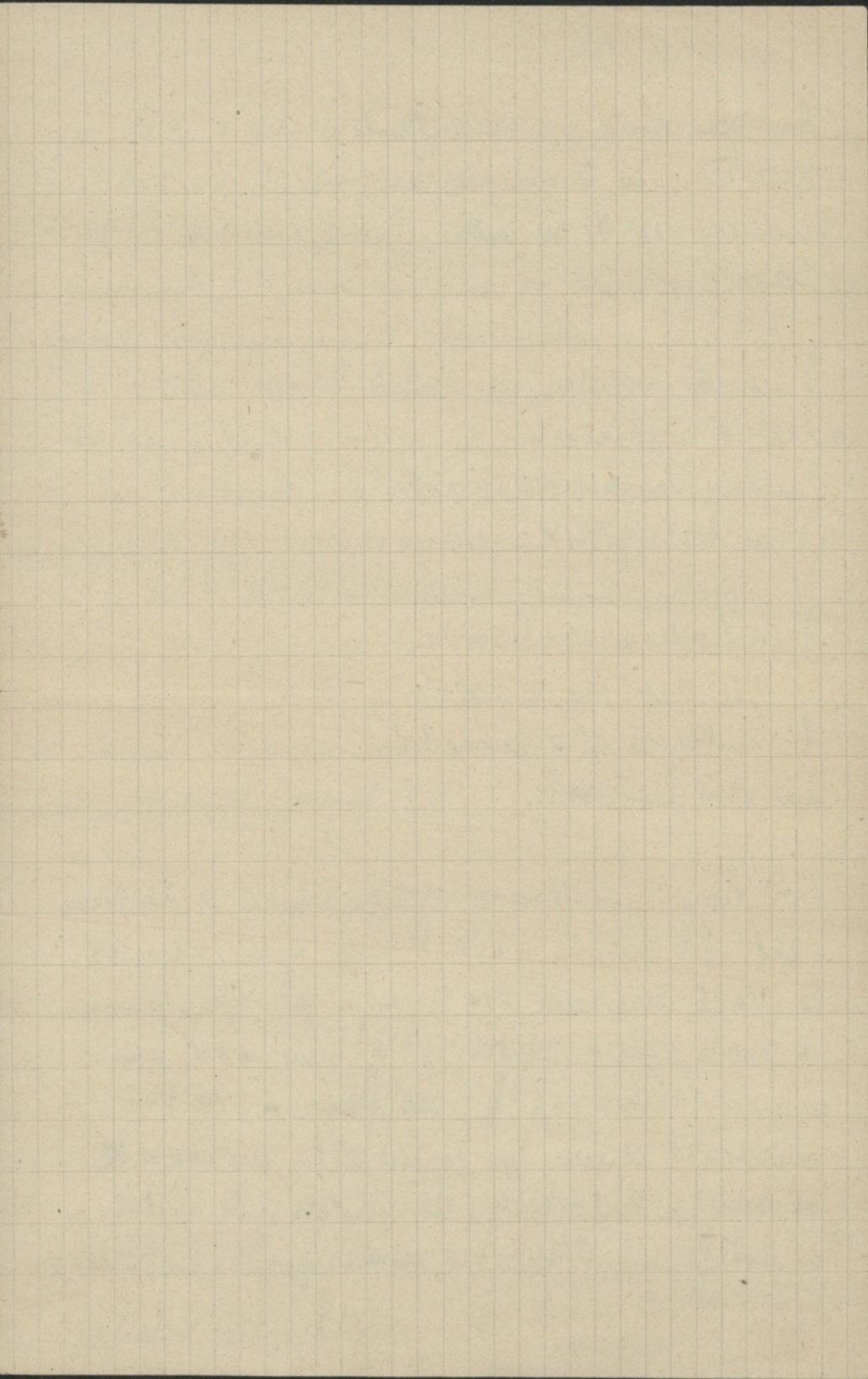
O teu passado, o teu futuro morto,  
 Tu própria quasi o olvidaras -  
 Ou não a absorto  
 Tão espessamente o arredas

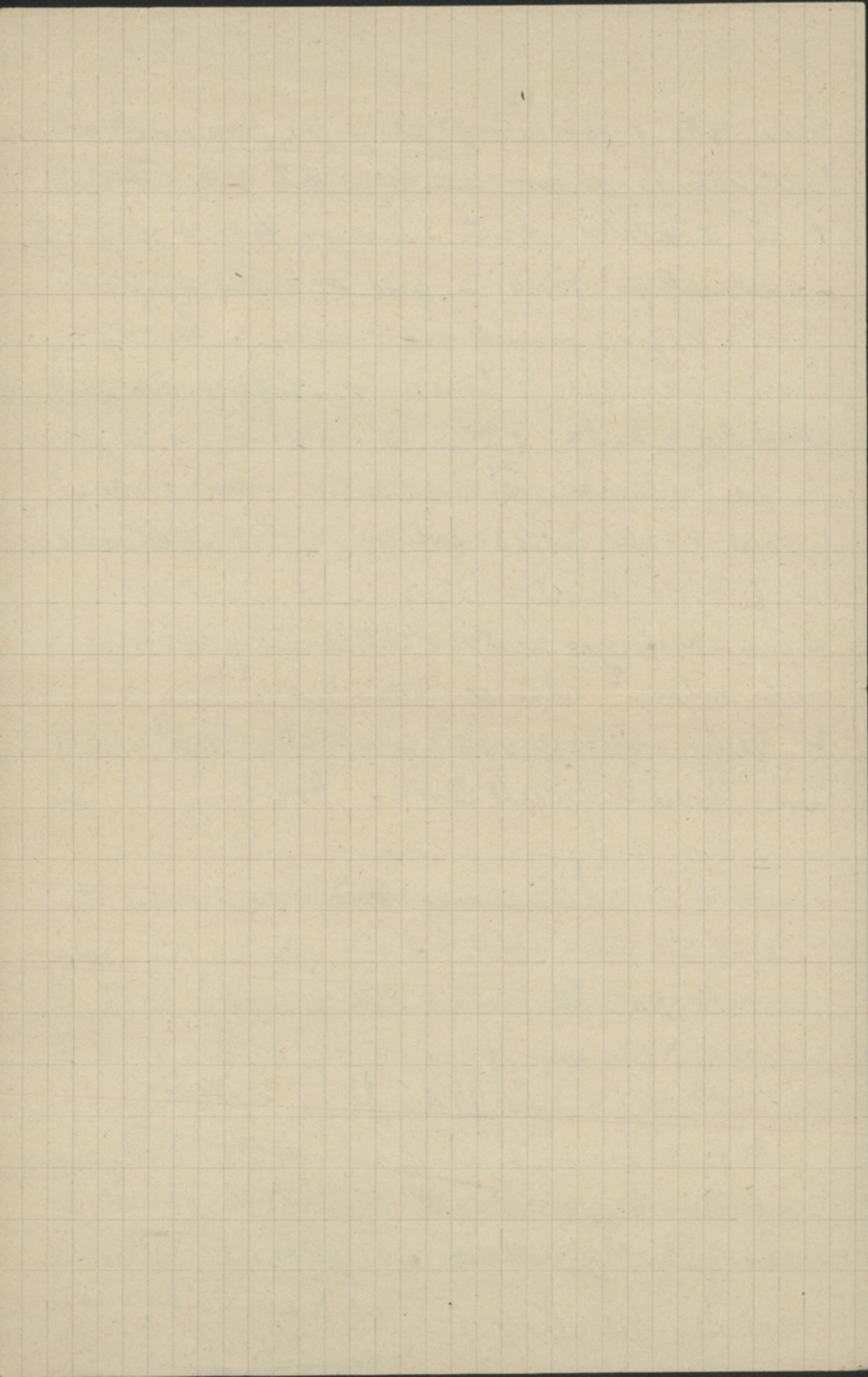
A vagas horas, no entretanto,  
 Certo sorriso te assomaria  
 Que em vez de encanto,  
 Meo fonia.

É em teu pescoço -  
 -Mel e alabastro -  
 Pombas pomba deixara rasto  
 Num traço grosso

A loba-rua arrependida  
 de que passados usafícios -  
 A mentirosa, a embelada  
 Em mil feitiços...

Foi bem: previram misteriosamente a personagem  
 real da minha vida de hoje estes versos.  
 Se você compreende todo o porquê p<sup>a</sup> mim - para  
 a minha lelera doente, p<sup>a</sup> os meus nervos, para  
 a minha alma, p<sup>a</sup> os meus desejos - de ter  
 encontrado alguém que realice esta minha vida  
 de doença entorcida, de incerteza, de mistério,  
 de artifício? alguma das minhas personagens - ative





Bem todo o perigo? Diga o que pensa. E isto:  
 "qui não ha amor, não ha affecto: e o desejo  
 é até a minima privar: Mas ha todo o quebranto  
 - quebranto p<sup>a</sup> mim - que os meus versos  
 mais longiquamente exprimem. Parece  
 bem o meu caso? Escreva-me - suplico-me -  
 uma longa carta: e diga se me de bem o perigo,  
 se me comprehende. É um horror, um horror -  
 porque é um grito de torturas. Porque é que  
 eu se devia encontrar alguém: fui encontrar  
 alguém - ainda que noutros vertices - igual a  
 mim proprio? Não sei nada. Tenha pena  
 de mim: escreva-me immediatamente  
 uma grande grande carta. Adieu.

Mil abraços de toda a alma

O seu, seu

Mario de S<sup>o</sup>. Carneiro

Escreva logo meusos. Lembra-se da  
 minha ausência. Os meus cadernos  
 chegam?